

PERSPECTIVA FREUDIANA DE INCONSCIENTE EM ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS

*Magda Wacemberg Pereira Lima Carvalho*¹

RESUMO: Discute-se neste trabalho o conceito psicanalítico de inconsciente na obra “Alice no País das Maravilhas”. Para isso, mantém-se referência ao constructo teórico da Psicanálise Freudiana, uma vez que, para essa perspectiva, é possível chegar-se ao Inconsciente por meio dos sonhos, atos falhos, chistes e sintomas. Diante disso, optamos pela pesquisa bibliográfica, tendo como objeto de investigação o sonho manifesto de Alice, narrado na primeira parte do livro, intitulada “Aventuras de Alice no País das Maravilhas”. Os dados analisados ajudaram a compreender que o conteúdo do inconsciente, presente no sonho, sofre interdição da censura e aparece distorcido ao sonhador, cujo sentido do só se torna acessível através linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise. Inconsciente. Sonho.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Alice no País das Maravilhas, do britânico Charles Lutwidge Dodgson, foi publicada pela primeira vez em julho de 1865, assinada sob o pseudônimo de Lewis Carroll. A obra conta a história de Alice, menina esperta e questionadora, que ao seguir um coelho acaba caindo em uma “toca” que a leva para um lugar habitado por seres excêntricos e antropomórficos.

Diante de uma narrativa envolvente e atemporal assumiu-se para este estudo a teoria psicanalítica freudiana, que a partir da descoberta do inconsciente inaugura uma concepção de sujeito fendido entre o sujeito do enunciado e o sujeito da enunciação. Freud em seu artigo sobre o Inconsciente assinala, de acordo com Garcia-Roza (1992), que é nas lacunas das manifestações conscientes que temos de procurar o caminho do inconsciente. Tal caminho se dá, segundo a psicanálise, no sonho, lapso, ato falho, chiste e

¹ Universidade Católica de Pernambuco. Aluna do Mestrado em Ciências da Linguagem - linha de pesquisa - Aquisição e Desenvolvimento da Linguagem.



sintomas, fenômenos denominados por Freud como “Formações do Inconsciente”.

Na primeira parte da narrativa de Carroll todos os capítulos apresentam a protagonista embalada em situações *nonsense*, mas fascinada por aquele mundo subterrâneo, em que ela se questiona se aquilo não é um sonho ou se não foi trocada por outra criança. Em vista disso, pretende-se analisar o sonho narrado de Alice como manifestação do conteúdo inconsciente.

ACERCA DO INCONSCIENTE

O inconsciente é tomado como objeto de conhecimento e atuação pelo corpo teórico da psicanálise. Para Lacan ([1964] 2008, p. 31), “o inconsciente de Freud não é de modo algum o inconsciente romântico da criação imaginante. Não é o lugar das divindades da noite”, mas é o lugar onde dois sistemas psíquicos contrapõem-se, de um lado o inconsciente (*Ics.*) e do outro o consciente (*Cs.*).

Segundo Freud ([1900] 2012, p. 640)

o inconsciente é o círculo maior que abrange em si o círculo menor da consciência; tudo o que é consciente tem um estágio prévio inconsciente, enquanto o inconsciente pode permanecer nesse estágio e ainda assim reclamar o valor pleno de uma produção psíquica.

Nesse aspecto, entende-se que um acontecimento psíquico que se origina no inconsciente é quase impossível de ser revelado na instância da consciência. Para esse autor (op. cit., p. 642), o acontecimento psíquico da ordem inconsciente para chegar à consciência tem de percorrer uma série de instâncias, dentre elas a censura cuja função é selecionar quais conteúdos inconscientes passarão à consciência.

Embora a censura assuma o papel de avaliadora entre o que deve se manifestar e o que deve permanecer no inconsciente, os atos psíquicos do *Ics* ainda aparecem, de acordo com Lacan ([1964] 2008), no tropeço, na ruptura, na fenda de um ato psíquico consciente. Isso ocorre porque o inconsciente está





organizado em impulsos carregados de desejos (ideia ou pensamento) impedidos pela censura.

Garcia-Roza (1992, p. 85) afirma que a censura “pode ser burlada na medida em que o desejo inconsciente transfira sua intensidade para um impulso do consciente cujo conteúdo ideativo funcione apenas como desejo original”.

Assim, para que os impulsos procedentes do *Ics* possam exercer sua indestrutibilidade e ser presentificado no consciente é necessário que se associem a outras ideias, uma vez que o impulso não se traduz à consciência do mesmo modo como se apresenta no inconsciente.

Ante essa compreensão, a teoria psicanalítica aponta que os principais impulsos inconscientes burladores da censura do consciente são os sonhos, os chistes, os atos falhos e os sintomas.

Para este estudo optamos discutir sobre o inconsciente psicanalítico a partir da teoria dos sonhos.

TEORIA PSICANALÍTICA DO SONHO

O sonho, no constructo teórico psicanalítico, corresponde a um dos fenômenos através do qual o inconsciente se manifesta.

Freud afirma que,

o sonho [...] não é desprovido de sentido, não é absurdo, não pressupõe que uma parte de nosso patrimônio de representações durma enquanto outra começa a despertar. Ele é um fenômeno psíquico de plena validade – mais precisamente, uma realização de desejo; [...] ele foi constituído por uma atividade intelectual altamente complexa. (FREUD, [1900]2012, p. 143)

A partir dessa concepção, sonho como realização de desejos, é possível compreender o sonho como “porta de acesso” aos conteúdos inconscientes. Tais conteúdos travestem-se de alusões e simbolismos revelando-se fragmentadamente no sonho através de experiências alucinatórias e conflitivas, em que “a pessoa que sonha sabe o significado do seu sonho, mas não sabe que sabe [...] porque a censura a impede de saber” (GARCIA-ROZA, 1992, p. 63).





Mediante as experiências conflitivas do sonho, Freud ([1900] 2012) confirma a existência de outros sonhos além dos sonhos de desejo, pois também há sonhos de angústia que revelam conteúdos desagradáveis, fenômeno nomeado “distorção onírica”.

O sonho, quando lembrado e relatado, é considerado por Freud como *conteúdo manifesto*, já o material oculto do sonho, o que precisa de interpretação, Freud nomeou *conteúdo onírico latente* cuja importância, para esse autor, é muito maior do que a do conteúdo onírico manifesto.

Ante a relevância dada por Freud ao conteúdo latente, Garcia-Roza conclui que a função da psicanálise é

fazer aparecer o desejo que o discurso oculta, e esse desejo é o da nossa infância, com toda a carga de interdições a que é submetido. O único modo desse desejo aparecer, de transpor a barreira imposta continuamente pela censura, é de uma forma distorcida, cujo exemplo privilegiado é o sonho manifesto. (GARCIA-ROZA, 1992, p.66)

Desse modo, para que os desejos inconscientes sejam revelados através do sonho é necessário que a análise seja feita a partir dos conteúdos manifestos narrados pelo sonhador, devendo-se, para isto, fazer o caminho inverso da *elaboração onírica*, que pela distorção transforma os pensamentos latentes, segundo Garcia-Roza, em conteúdo manifesto, omitindo partes dos sonhos. Tal ação pode ser compreendida como recurso da censura sobre a realização de desejos inconscientes na tentativa de preservar o sonhador de situações que lhes sejam constrangedoras quando na ordem do consciente.

Assim sendo, a teoria psicanalítica propõe a *interpretação dos sonhos* como principal canal de acesso ao conteúdo inconsciente, podendo sua empreitada dar-se a partir do entendimento da *condensação* e *deslocamento* presentes nos sonhos narrados.

O SONHO DE ALICE

A narrativa Alice no País das Maravilhas está dividida em doze capítulos, sendo que as aventuras da menina começam a ser descritas já na primeira parte da obra, quando entediada por não ter nada que fazer ela começa a





sentir-se sonolenta. Entre suas reflexões sobre o livro que estava lendo e a sensação de torpor a menina avista um coelho branco passando apressadamente pelo jardim.

O coelho que aparece para Alice é caracterizado antropomorficamente por Carroll como um ser que fala, usa colete e relógio de bolso. A garota, curiosa, resolve segui-lo e acaba caindo em um buraco: a toca do coelho. A partir daí ela viverá as mais diferentes aventuras em um mundo subterrâneo habitado por animais que falam, recitam poemas da era vitoriana, dão-lhe ordens e apresentam-lhe lições sobre a vida.

Durante a queda no poço, que parecia não ter fim, Alice começa a desenvolver uma espécie de monólogo em que ela faz uma série de questionamentos. Depois que parou de cair, a menina perde de vista o coelho e entra em um salão repleto de portas trancadas. A menina encontra uma chave que se adéqua perfeitamente a uma pequena porta, ao conseguir abri-la Alice vê um lindo jardim, que dava acesso ao País das Maravilhas. O problema que se apresenta para a menina, agora, é a incompatibilidade de seu tamanho em relação ao da portinhola.

A partir desse ponto da estória, Alice travará uma espécie de peleja entre a sua estatura normal, crescer e encolher para poder transitar no mundo fantástico, devendo então beber uma poção especial (para encolher) ou comer um bolinho (para crescer).

Diante da experiência de crescer e encolher, Alice confessa,

Ai, ai! Como tudo está esquisito hoje! E ontem as coisas aconteciam exatamente como de costume. Será que fui trocada durante a noite? Deixe-me pensar: eu *era* a mesma quando me levantei esta manhã? Tenho uma ligeira lembrança de que me senti um bocadinho diferente. Mas, se não sou a mesma, a próxima pergunta é: 'Afim de contas quem sou eu?' (CARROL, [1865]2009, p. 25)

Esta passagem da narrativa revela uma garota angustiada por não ter certeza de quem ela é, acontecimento que na ordem consciente poderia ser tratado como crise de identidade vivida, geralmente, na adolescência.



Durante sua estada no País das Maravilhas a garota conheceu as mais esdrúxulas criaturas, dentre elas a Lagarta (usuária de narguilé), o Gato de Cheshire, a Lebre de Março e o Chapeleiro Maluco.

Após tentar iniciar uma conversa com os dois últimos Alice percebeu que seria praticamente impossível, pois além de não serem coerentes no que diziam eles estavam presos a um acontecimento específico: sempre era hora do chá. Alice sai de lá considerando aquele chá o mais idiota de toda sua vida.

Caminhando pelo bosque na tentativa de encontrar a saída daquele lugar, a garota chega ao jardim da Rainha para sua surpresa a família real e todos os súditos eram cartas de baralho. Todo o reino temia a Rainha de Copas pelo fato de que diante do menor descuido de algum deles, ela logo entoava sua frase preferida: “Cortem-lhe a cabeça!”.

Alice teve a oportunidade de presenciar como os julgamentos eram realizados no castelo. O evento aconteceu após a Rainha dar por falta de algumas de suas tortas. Diante de um tribunal totalmente desorganizado todos eram suspeitos e qualquer um poderia ser condenado à decapitação, situação que deixou a menina bastante incomodada.

Após responder em tom de desacato à Rainha, esta manda que cortem a cabeça de Alice, que revida afirmando que eles não passavam de cartas de baralho. Nesse momento o baralho inteiro ergue-se no ar voando contra Alice, que acorda e percebe que tudo não havia passado de um sonho curioso. A menina, então, relata-o à irmã.

É possível analisar, nesse conto, pelo viés da interpretação dos sonhos o conceito de inconsciente da teoria psicanalítica, uma vez que o sonho corresponde a um dos fenômenos que constituem as *formações do inconsciente*.

É no sono que, de acordo com Freud, o indivíduo se encontra no estado ideal de inércia, livre dos estímulos exteriores, o que possibilita a ocorrência de sonhos. Para a psicanálise, o sonho consiste na realização de desejos e se apresenta ao sonhador como situações absurdas ou estranhamente loucas.

Nessa perspectiva, reconhece-se que Alice passou pela experiência de estranhamento em todos os episódios da primeira parte do livro, pois durante





sua permanência no País das Maravilhas a protagonista foi surpreendida por situações absurdas à realidade.

Para Freud ([1900] 2012, p.143), o sonho “não é desprovido de sentido, não é absurdo”, é aí que surge o pressuposto de que o sonhador sabe o significado do sonho e de que a censura interdita esse saber para preservar o sonhador. No caso de Alice, por se tratar de uma criança, seu sonho não oferece, conforme Freud ([1900]2012), enigmas para serem resolvidos, mas demonstra que o sonho, segundo sua essência mais íntima, significa uma realização de desejo.

Diante disso, atrevemo-nos a desenvolver uma análise do conteúdo manifesto no sonho de Alice na tentativa de compreender quais foram os possíveis desejos inconscientes realizados no sonho da garota. Recorreremos, para isso, aos mecanismos de condensação e deslocamento postulados por Freud na obra a “Interpretação dos Sonhos”.

A *condensação*, conforme Garcia-Roza, diz respeito ao fato de o conteúdo manifesto do sonho ser menor do que o conteúdo latente (1992, p. 67). Esse mecanismo pode operar omitindo elementos do conteúdo latente, revelando fragmentos complexos do sonho latente ou combinando vários elementos do conteúdo latente que possuem algo em comum.

Selecionamos para nossa análise a passagem em que Alice pede ao Gato de Cheshire a indicação de qual caminho deve seguir para sair dali, o Bichano aponta-lhe duas direções, a saber, uma que daria na casa do Chapeleiro Maluco e a outra na da Lebre de Março. Vejamos:

[...] Visite qual deles quiser: os dois são loucos!”

“Mas não quero me meter com gente louca”, Alice observou.

“Oh! É inevitável!”, disse o Gato; “somos todos loucos aqui. Eu sou louco. Você é louca.”

“Como sabe que sou louca?” perguntou Alice.

“Só pode ser”, respondeu o Gato, “ou não teria vindo parar aqui.” (CARROLL, [1865]2009, p. 77)

A afirmação do Gato de que todos daquele lugar são loucos, inclusive Alice, condensa todas as características bizarras do País das Maravilhas nessas personagens. Pela associação livre, pode-se interpretar a loucura



atribuída ao Gato, Lebre e Chapeleiro como a demanda de obrigações sociais as quais os adultos estão subjugados.

Alice demonstra resistência à “loucura do mundo adulto” quando afirma não querer “se meter com gente louca”, o que manifesta seu desejo de permanecer criança. Tal desejo também pode ser identificado quando ela afirma por um instante que não deveria ter descido naquela toca, já que sua estatura nunca é condizente a real, pois ao longo da narrativa a menina passa por frequentes alterações de tamanho; ora muito pequena ora muito grande, somente atingindo sua estatura normal quando está próxima de despertar. Pode-se, diante disso, interpretar que Alice está passando da infância para a adolescência devendo, portanto, estar preparada para adentrar no mundo adulto em breve.

O mecanismo de *deslocamento* consiste, conforme Garcia-Roza, na substituição de um elemento latente por um outro mais remoto que funcione em relação ao primeiro como uma simples alusão (1992, p. 68). Nessa perspectiva, tomamos para análise a relação estabelecida entre Alice e o Gato de Cheshire.

No início de seu sonho, ainda enquanto caía pelo buraco, Alice começou a pensar em Dinah sua gata de estimação, desejando que ela também estivesse ali e até sonhou, no sonho, que estava de mãos dadas com sua gatinha. Vale lembrar que quando Alice adormeceu e começou a sonhar com o País das Maravilhas ela estava ao lado de sua irmã. Assim, como o sonho se constitui a partir de alusões e simbolismos, pode-se compreender que a elaboração onírica encarregou-se de distorcer a imagem da irmã para a gata de estimação de Alice.

Como respaldo a essa interpretação, tomamos a afirmação de Freud de que, “na formação do sonho, os elementos de maior valência no pensamento onírico não são considerados” ([1900] 2012, p. 329), destacando-se na elaboração onírica os elementos de menor valor. Nesse caso, pressupõe-se que o elemento de menor valor corresponde à gata de estimação, já que a figura da irmã de Alice foi deslocada para a gata e depois para o Gato de Cheshire.

Em vista disso, supõe-se que o conteúdo inconsciente de Alice, naquele mundo desconhecido, desloca seu desejo por companhia para o Gato de





Cheshire, que ela considera como amigo e que lhe aparece inesperadamente nos momentos em que a menina se sente confusa, solitária ou em situação de perigo.

Pela associação ao que o Gato representa para a menina (companhia e proteção), pode-se depreender o sentimento de insegurança que Alice sente diante das mudanças pelas quais passará entre a infância e a fase adulta e seu desejo inconsciente pela companhia da irmã durante esse período de transição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao eleger, neste trabalho, a análise das “Aventuras de Alice no País das Maravilhas” procuramos investigar o conceito psicanalítico de inconsciente e embora a discussão tenha sido feita com base em um sonho fictício, foi possível compreender o papel da censura nos sonhos, uma vez que no inconsciente há desejos que devem ser preservados ao sujeito.

É importante ressaltar que este estudo não teve a pretensão de analisar o autor da obra, muito menos as características psicológicas da protagonista, mas de buscar, no sonho de Alice, recursos para tentar compreender os elementos constituintes da teoria do inconsciente.

Para entender a afirmação freudiana de que “o sonho é a realização (disfarçada) de um desejo (reprimido, recalçado)”, recorreremos a dois dos mecanismos propostos por Freud no trabalho do sonho: condensação e deslocamento. Para isso, foi necessário tomar conhecimento de todo o conteúdo manifesto no sonho de Alice, que durante sua estada em um mundo desconhecido esteve envolvida em episódios conflitivos.

Pela análise de tais ocorrências observou-se que o conteúdo inconsciente sofre interdição da censura fazendo com que esse apareça distorcido ao sonhador.

Nessa dimensão, é relevante explicitar que na teoria psicanalítica o único capaz de dar sentido aos conteúdos manifestos de um sonho é o sonhador, cabendo ao analista fazer a intersecção entre os conteúdos narrados e o não dito simbolizado no sonho.



FREUDIAN PERSPECTIVE OF UNCONSCIOUS ON ALICE IN WONDERLAND

Abstract

This paper discusses the psychoanalytic concept of the unconscious in the book "Alice in Wonderland". For this, it remains the reference theoretical construct of Freudian Psychoanalysis, since, to this perspective, it is possible to get to the Unconscious through dreams, faulty act, jokes and symptoms. Therefore, we opted for literature research; with the object of investigation is the Alice's manifest dream, narrated in the first part of the book, entitled "Alice's Adventures in Wonderland". The analyzed data helped to understand that the contents of the unconscious, in this dream, suffer interdiction of censorship and appears distorted the dreamer, whose sense only becomes accessible through the language.

Keywords: Psychoanalysis. Unconscious. Dream.

REFERÊNCIAS

CARROLL, Lewis. [1865] *Aventuras de Alice no País das Maravilhas; Através do Espelho e o que Alice encontrou por lá*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

FREUD, Sigmund. [1900] *A interpretação dos sonhos*. v. 1. Porto Alegre, RS: L&PM, 2012.

_____. [1900] *A interpretação dos sonhos*. v. 2. Porto Alegre, RS: L&PM, 2012.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Freud e o Inconsciente*. 7.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

LACAN, Jacques. [1964], *O Seminário*, livro 11. *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

